

## Dostoiévski – Gente Pobre

### O autor

Gente Pobre é a obra de entrada de Fiódor Dostoiévski, autor nascido em 1821 e que aos 25 anos lançou-se na literatura com um texto que marcou a literatura russa, e atravessou também fronteiras influenciando escritores em todo o mundo, que viram no jovem escritor uma nova abordagem do tema comum à época, a alma proletária.

A história do Dostoiévski é bastante conhecida e pode ser consultada com facilidade na internet, em qualquer página de fãs do autor russo ou mesmo a Wikipedia você consegue ótimos resumos de sua biografia, de forma que não preciso, e não vou, me atentar àquilo que você, aluno da Escola de Conservadorismo, consegue encontrar por si mesmo em poucos cliques. Destaco apenas o renascimento do nosso autor, fato que se inclui nesse espectro acessível que acabo de citar mas que, se ignorado maculará todo o longuissimo módulo que estamos começando hoje.

Em sua obra História da Literatura Ocidental, o crítico literário Otto Maria Carpeaux, faz uma lista interessante sobre autores que ele denomina *twice born* (nascido duas vezes). Essa definição em Carpeaux se dá como curiosidade formadora da vida de grandes autores, o que podemos chamar de gênios da literatura<sup>1</sup>, uma vez que marca com tal agressividade a vida daquele que a experiência que o leva à morte, ou à sobrevivência e aí, impossível ser diferente, o agora imortal se torna um paradigma na história humana. Dostoiévski foi assim, e interessante porque seu renascimento não se deu antes do início de sua jornada literária, mas logo após sua retumbante estreia quando, quatro anos após o lançamento de *Gente Pobre*, o jovem revolucionário é acusado de conspiração contra o czar Nicolau I. Sua condenação foi seguida de um processo por uma junta civil e militar que o condenou, junto ao grupo preso sob a mesma acusação, à morte por fuzilamento<sup>2</sup>. Porém, no último segundo ao invés do disparo do fuzil, os condenados, já amarrados aos postes de fuzilamento, ouvem a leitura do perdão do Czar, comutando a morte em trabalhos forçados na Sibéria<sup>3</sup>. Após cinco anos na Sibéria Dostoiévski não era o mesmo, e como é descrito no final de *Crime e Castigo*, lá mesmo nos campos siberianos o russo já não era o mesmo, passou a ver a vida de outra forma e, se os olhos de nosso genial autor já eram abertos para enxergar os detalhes da vida, após seu trauma de quase-morte, seus textos não se manteriam na camada de percepção que o de seus contemporâneos.

Dessa forma temos um romancista que consegue, mesmo escrevendo na primeira metade do século XIX, fugir da leitura social darwiniana de sua época, que consistia de obras literárias produzidas por uma burguesia que pretendia entender, e explicar, para o mundo o que eram os pobres (ou proletários, então um sinônimo de todo o desgraçado social). Nossa autor de *Gente Pobre* é pessoalmente um pobre, diferente de senhores como Turgueniêv e Tolstói, e não falava do que via ao olhar para baixo, mas do que vivia ao olhar para os lados e para dentro de si. Filho de um produtor rural assassinado pelos próprios empregados, Dostoiévski viveu às custas de uma experiência de estudo muito semelhante à de George Orwell, um sujeito pobre que tem

---

<sup>1</sup> Diz Carpeaux “Agostinho é um anarquista, procurando a ordem, sabendo que precisa nascer outra vez, como homem diferente. É da raça dos “twice born”, à qual pertencem os maiores gênios religiosos da Humanidade, um Paulo, um Lutero, um Pascal.”

<sup>2</sup> Ver ilustração no material complementar dessa aula.

<sup>3</sup> A descrição detalhada da cena do [não]fuzilamento encontra-se na obra *O Idiota*, que será abordada mais adiante nesse trabalho aqui iniciado.

acesso ao ensino de classe média alta<sup>4</sup>, e consegue, antes dos 30 ter seu primeiro livro, tema desta aula, analisado pelo crítico literário mais importante de sua geração, Vissarion Bileński. Ao analisar os manuscritos de *Gente Pobre*, o crítico afirma ter encontrado “um novo Gógol”, ou seja, alguém que conseguia ver a alma do povo russo (e mais!), “essa é a primeira tentativa de se fazer um romance social entre nós”. Estreava então, aos 25 anos, nosso autor tema do bloco de estudos que se inicia hoje na Escola de Conservadorismo.

## O romance

*Gente Pobre* é a perfeita obra de largada para um autor em meados de 1850, perfeita pois tratava de um tema inevitável, o povo, mas com um olhar diferente do olhar científico-social que é a marca do naturalismo. Dostoiévski consegue compor o naturalismo sendo mais que observador mordaz, consegue não analisar mas compor o povo russo, de tal forma que após o *homem supérfluo*<sup>5</sup> de Turguêniev, o povo russo dostoievskiano se torna um estilo em si mesmo, marcando obrigatoriamente como que em um manifesto literário, todas as gerações posteriores de escritores. Fiódor constrói seu romance de entrada em um estilo – e estilo é a chave para compreensão dessa obra – ousado para um romance, o texto *em cartas*. O leitor de Gógol, Tolstói, Pushkin... acostumados a romances e novelas com sequência palatável encontraria em *Gente Pobre* um texto truncado, e de um autor ainda desconhecido. As chances de ser bem recebido pelo público já em uma apresentação de ruptura estilística foi uma grande jogada do autor, e de jogada em jogada se passou toda a vida de Fiódor Dostoiévski, ludomaníaco inveterado que passou a vida preso ao vício do jogo, gastando parte de suas economias – e às vezes toda ela – na roleta. Mas isso é o estilo, o defeito que não permite que você faça algo de forma diferente da que você consegue. E Dostoiévski não consegue ser diferente, viveu sempre apostando tudo em seus projetos e escreveu, por toda a sua vida, correndo atrás de prazos de editoras que pagavam adiantado e cobravam a entrega dos textos impacientemente.

Temos em *Gente Pobre* a história de um trabalhador russo arquétipo de sua geração, velho, mal pago por uma máquina estatal que não sabia como cuidar bem de seus empregados -- a cena *deus ex-machina* em que Makar Alieksiéievitch recebe o dinheiro de sua excelência retrata perfeitamente isso – e que, não obstante toda sua miséria, tem o coração gigantesco, como a própria “mãe Rússia”. E é no diálogo truncado, por cartas que não conseguem ser periódicas mas esporádicas, que o casal Makar e Varvara abrem-se um ao outro, e expõem terceiros que os cercam, todos ao leitor. O que se tem em mãos ao iniciar a leitura do romance é a insegurança: *será que o livro todo vai ser assim por cartas? Será que eles são um casal de namorados? Será que Makar está explorando financeiramente Varvara? Ou é ela que o explora? Ou será que...* e essas inseguranças são desfeitas uma a uma, sem pressa, por um autor que prende o espectador-leitor à imagem da prisão emocional que fazia de cada um dos personagens principais, um miserável ansioso à espera da próxima carta.

---

<sup>4</sup> A experiência de vida de George Orwell é registrada em seu romance *Dias na Birmânia*, onde fala sobre sua condição de filho da classe média baixa que consegue uma bolsa de estudos na melhor escola de Londres, e passa a infância como o menor de seu grupo, o que marca toda a sua vida e produção literária focada na “luta de classes”.

<sup>5</sup> A obra *Diário de um homem supérfluo*, de Ivan Turguêniev (1818-1883), trouxe ao mundo literário a compreensão do homem insignificante que passa a vida como observador sem conseguir afetar nada em redor. Esse personagem criado por Turguêniev se tornou uma peça no quebra-cabeças imaginário de sua época, preenchendo um vazio que se encontrava na identificação do papel social do indivíduo que não compunha a burguesia, ou que sendo membro desta, se portava secundariamente em um mundo que supostamente o esperava como agente primário de transformação.

## O cenário

A Rússia do início do século XIX é a nação gigante, oficialmente um Império czarista que só se tornará país com a revolução russa de 1917. Um território que vai da Europa, à oeste, à América, ao leste<sup>6</sup>, a Rússia imperial apresentava as características comuns aos impérios: diversidade étnica, cultural e religiosa, problemas de manutenção econômica diante do multifacetamento populacional, busca constante de identidade e outros fatores tão caros a nós, povo brasileiro, também imperiais<sup>7</sup>. Tal cena geopolítica preenchia o imaginário popular com mitos e utopias, e o mundo dostoievskiano vem para revelar ao povo russo, o russo. E o jovem revolucionário encontra, em si, características compartilhadas no seio familiar de seu povo, como a fé cristã, tão marcante em sua obra. Nos lares daquela sociedade, o samovar compartilhava a onipresença com o ícone. Essa marca de tradição cultural e tradição religiosa era ousada nos círculos de literatura frequentados pelo autor, mas popular na casa dos leitores. Em *Gente Pobre*, a crítica da época viu que o desejo de destrar a alma proletária não alcançou o ápice de nosso autor por falta de vivência, mesmo por ausência de convívio no chão de fábrica. Foi preciso que um russo saísse do chão para ascender à burguesia e revelar então quem era o homem que saia de casa com a neve até os joelhos para trabalhar em troca do dinheiro do aluguel e do chá com torradas<sup>8</sup>.

Temos nos personagens Makar e Varvara o retrato da massa que povoava a vida russa: o homem civil em busca de respeito numa sociedade militarizada, enquanto mora de aluguel e não tem dinheiro sequer para o tabaco; a mulher, jovem porém com saúde de velha, sempre quase à morte, driblando o assédio dos homens comerciantes que, por ter algum dinheiro, investiam sobre as moças pobres solteiras como um comprador tomando um produto encalhado na prateleira. Que assim era a realidade da Rússia, Gógol, Pushkin e todos os romancistas russos sabiam, mas como pensava o produto encalhado na prateleira? Como sentia o homem caminhando com neve até o joelho e a bota com solado furado? Qual o cheiro de um quarto compartilhado com cozinha onde se arranca os intestinos de um peixe? Makar sabia, e em suas cartas direcionadas à Varvara, temos relatos grotescos como *“Já lhe descrevi a disposição dos quartos; não há o que dizer, é verdade que é cômoda, mas dentro deles é meio abafado, isto é, não que cheirem mal, mas é como se fosse um ar, se é que posso me exprimir assim, meio podre, penetrante e adocicado. A primeira impressão é desfavorável, mas isso não quer dizer nada, basta ficar uns dois minutos dentro de casa que passa, e a gente nem percebe que passa completamente, porque parece que a gente mesmo fica cheirando mal, a roupa fica com cheiro, as mãos ficam com cheiro, tudo fica com cheiro – e a gente se acostuma* (carta do dia 12 de abril).

É essa dureza de realidade e riqueza de detalhes que fez de Dostoiévski um mito literário, cujas obras eram esperadas com anseio pelas leitoras russas e principalmente pelos editores, que identificaram no jovem escritor um prodígio que ainda produziria muito, e revelaria muito. Diante, porém, da fama repentina, Dostoiévski passa a compor grupos de jovens revolucionários que se reúnem para discutir os rumos da Pátria, e é nesses grupos que o autor absorve o que nos será devolvido em *Os demônios*, romance que trata dessas reuniões que culminaram, não poucas vezes, na prisão de seus componentes. E foi numa dessas vezes que Fiódor, já membro do

<sup>6</sup> A Rússia deteve o domínio do Alasca até o ano de 1867, quando então o território foi vendido aos Estados Unidos em uma operação comandada pelo Secretário de Estado norte-americano William Henry Seward.

<sup>7</sup> Toda a obra de Fiódor Dostoiévski ensina muito ao leitor brasileiro, que viveu também em uma mãe Brasil que buscava assegurar cuidados ao índio, ao português, ao judeu e sempre em busca de descobrir quem era, no caldeirão étnico-cultural, o tal *brasileiro*.

<sup>8</sup> Esse mesmo cenário é retratado, e cito aqui mais uma vez George Orwell, na Inglaterra e na França de 1 século depois, quando entre as duas grandes guerras, o povo europeu viu a pobreza tomar as camadas mais baixas da sociedade e transformar, a então “baixa classe-média” em uma massa amorfa que vivia apinhada em pociegas e se alimentava pior que um animal de abate das zonas rurais. Esse drama é retratado em obras como *O caminho do Wigan Pier* e *Na pior em Paris e Londres*.

Círculo Petrashevski<sup>9</sup>, foi preso e enviado à Sibéria (conforme já abordamos acima). Em seus anos de trabalhos forçados, Fiódor absorveu grande parte do material que lhe serviu de matéria prima para seus maiores sucessos literários, como a relação dos prisioneiros com suas esposas, que se autoexilavam para acompanhar os maridos durante o período de prisão e é retratado em *Crime e Castigo*; foi na Sibéria que o autor teve acesso ao Novo Testamento, único material literário permitido na prisão, e assim imergiu na Escritura cristã, representada em toda sua obra e no famoso texto “O Grande Inquisidor”, capítulo de *Os Irmãos Karamázov*; foi a prisão também que forneceu ao artista a experiência de efusão de ideias não compartilhadas, uma vez que o então prisioneiro produziu dezenas de peças literárias que nunca chegaram a ser publicadas, tendo se perdido antes de sua libertação; dentre tantas experiências de prisão, o primeiro ataque de epilepsia afetou nosso autor e se fez presente em diversos personagens, marcando principalmente o príncipe Mitchkin, em *O Idiota*.

Após sua saída da libertação, dá-se início a uma vida literária efervescente, onde o ofício de jornalista faz do romancista um “criador da realidade”, ao trazer à existência racional o que até então era apenas sentido na sociedade russa.

### Gente Pobre

Alcançou o público com sucesso e abriu as portas do mercado literário russo (e mundial) que passou, e voltou, a ser consumidor de poesia, desta vez “romanceada” como define Carpeaux quando diz

*Dostoiévski é o mais russo dos russos; por isso, ou apesar disso, não importa, é ele o mais universal dos russos. Das duas contradições dialéticas, que se refletem nas interpretações contraditórias, nasceu uma grande poesia, grande e terrível. Ao terminar a “época da prosa”, do romance realista-naturalista, é Dostoiévski o primeiro grande poeta, embora poeta no gênero romance<sup>10</sup>.*

Seu romance de abertura coloca um personagem principal em busca de estilo, e essa busca que é natural a todo aquele que quer ser escritor, está retratada como processo em Makar Alieksiéievitch e realidade em Dostoiévski, realidade tamanha que o permite fingir falta de estilo naquele que busca, Makar, e qualidade natural naquela que não sabe sequer do que se trata, Varvara.

A troca de cartas dos personagens centrais da trama revelam um personagem duro e surrado que não consegue deslanchar, está preso a tudo o que já o machucou na sua longa vida. O texto de Makar reflete essas características. É seco, magoado, simplório ainda que em variedade de palavras, é repetitivo. As cartas de Varvara são líricas, de uma pessoa também bastante sofrida – o caderno de anotações de sua infância é um refresco na leitura da primeira metade da obra --, mas que consegue vencer o sofrimento de toda uma [jovem] vida, quem sabe se por isso mesmo, ter sido ainda breve. Enquanto o escritor de cartas passa um ano inteiro buscando encontrar seu estilo, a escritora não dá a mínima para a questão e se derrama em um estilo belíssimo, que se comparado ao autodeclarado “grande escritor” Rataziáiev, faz deste um mero escritor de novelinhas de amor para jovens apaixonadas.

<sup>9</sup> O Círculo Petrashevski foi um grupo formado por pessoas que se reuniam com o intuito de discutir literatura, mas não por mera curiosidade artística, e sim consulta ao intelecto acessível por meio de obras então proibidas, o que no ambiente pré-revolucionário da metade do século XIX, era comum em todo o mundo. Esse costume de consumo artístico para enriquecimento do imaginário é a regra em todo meio revolucionário; aconteceu na França, Estados Unidos e até mesmo no Brasil do início do sec. XX.

<sup>10</sup> CARPEAUX. O. T. *História da Literatura Ocidental*. LeYa. Rio de Janeiro, 2012.

Após a leitura de meia-dúzia de cartas no início do romance, o leitor se depara com a confissão de Várienka<sup>11</sup> de que, em sua infância, escreveu em um caderno sua *ainda feliz vida*: “Comecei a escrevê-lo num período ainda feliz de minha vida. Tantas vezes indagou com interesse sobre a minha vidinha de antes, sobre a maezinha, sobre o Pokróvski, sobre minha estadia na casa de... que não tenho dúvida de que lhe proporcionarei grande prazer enviando-o ao senhor”. E temos na leitura desse curioso caderno nada menos que uma prévia do potencial de narração de Dostoiévski, que marcará a obra de sua vida toda.

No fim da obra, quando o leitor já está contrito com a miséria que compõe o dia a dia do russo médio, temos a descrição feito pelo pobre Makar “Escrevo-lhe ainda completamente fora de mim, todo abalado por um acontecimento terrível”. E a miséria chega ao “fim” com a descrição do momento de reviravolta do romance, que centrado na desgraça financeira que se abate sobre os personagens -- em referência à que se abatia sobre a própria sociedade russa --, sevê diante do símbolo imperial de *sua exceléncia*, o representante do czar na repartição pública em que Makar Aliksiéievitch trabalha, e este se compadece de sua desgraça e adverte os chefes da repartição de não se atentarem ao estado de miséria daquele empregado, que mesmo sendo irrepreensível vinha ao trabalho aos trapos. Aqui, Dostoiévski, um czarista de corpo e alma, mostra que a mãe Rússia não era má por si, era vítima de sua conjuntura complexa e incompreendida.

A esse trabalho se dá a obra de Fíodor Dostoiévski, um gênio que se colocou à serviço de sua Pátria para entendê-la, e entendendo-a, propiciar a seu povo a descoberta dos caminhos que levariam a mãe Rússia ao retorno da glória triunfante da águia bicéfala, símbolo de poder sobre o oriente e o ocidente russo, flamulante na bandeira do grande império.

Brasília, 13 de março de 2021.

---

<sup>11</sup> “É muito raro um russo não ter patronímico, e alguém que carece deste elemento no nome normalmente tem origens estrangeiras. O patronímico, normalmente, é formado com os sufixos -ovitch, -evitch ou -itch para os homens e -ievna, -ovna ou -itchna para as mulheres. Por exemplo, se um determinado Piôtr tiver uma filha Ekaterina e um filho Ivan, eles se chamarão Ekaterina Petrónvna (acrescido de sobrenome) e Ivan Petróvitch (acrescido de sobrenome). Se Iliá tivesse filhos com os mesmos nomes, eles se chamariam Ekaterina Ilinitchna e Ivan Ilich”. – Retirado do site Russia Beyond. <https://br.rbth.com/educacao/79688-tudo-sobre-patronimicos-russos>.